

Preço avulso — 20 réis

# GRANDE ELIAS

SEMÁRIO  
ILUSTRADO, LITTERARIO e THEATRAL

REDACTOR PRINCIPAL

JOAQUIM DOS ANJOS

Redacção e Administração — Largo do Conde Barão, 50, 2.º

ASSIGNATURAS

LISBOA — Série de 15 números . . . . . 300 rs.  
FÓRA DE LISBOA — Série de 15 números 400 rs.

LISBOA

19 de novembro de 1903

Editor: THOMAZ RODRIGUES MATIAS

Composição e Impressão na Typographia d'«A EDITORA»  
Largo do Conde Barão, 50

Individualidades Artísticas

Cesar Porto, dr. Manuel da Silva Gayo e Pedroso Rodrigues

Ilustram hoje a primeira pagina do nosso semanario os retratos dos srs Cesar Porto, dr. Manuel da Silva Gayo e Pedroso Rodrigues, os tres auctores premiados no concurso dramatico ha pouco aberto pelo nosso pressado collega O Dia.

A respeitabilidade do jury, composto dos nossos mais considerados dramaturgos e escriptores, que classificou estas tres peças, é garantia bastante para se poder afirmar o valor dos respectivos trabalhos que esta noite, representados pelos nossos mais laureados artistas, poderão ser apreciados no theatro D. Amelia, tão gentilmente cedido pela empreza para tal fim.

Os auctores da *Tragedia antiga*, d'*A encruzilhada* e do *Auto pastoril*, se são tres nomes desconhecidos no theatro, não o são contudo no nosso meio litterario, onde os seus escriptos já desde ha muito figuram entre o que de mais perfeito se tem produzido ultimamente.

O *Grande Elias*, publicando os retratos dos novos escriptores, presta-lhes assim uma homenagem de apreço e admiração a que entende tem incontestavel direito e faz votos para que estas tres peças sejam o inicio de outros trabalhos de maior folego que os seus auctores venham a produzir e onde mais ainda possam fazer realçar os brilhos dos seus talentos.

O espectáculo de hoje marcará por certo uma data gloriosa nos annaes do movimento theatral portuguez, ultimamente tão pobre em originaes.

MISCELLANEA THEATRAL

I

Sob este titulo iniciaremos uma série de escriptos, cujo objecto é o *Theatro*, considerado sob os ommittidos aspectos, de que elle é susceptivel. E materia nunca nos fallecerá para estas palestras, nem experiencia pessoal escasseará no escriptor que, precisamente ha trinta annos, dá a lume, com interevidencias mais ou menos dilatadas, estudos de critica dramatica, litteraria e de psychologia do mundo dos bastidores, profusamente estampados em tantissimos periodicos, de que não recordamos o nome, para não nos acoinarem de velho tanto e relapso vaiaes.

A benevolentemente direccão



desta feita acolhe carinhosamente o oboreiro sincero e devotado, o fervoroso cultor do mais arduo e improbo ramo litterario: — a critica de theatro, quando esta é orientada pelas numerosas sciencias e artes, em que bebe, a largos haustos, leis, vida e inspiração.

Afoito-me, pois, a publicar factos e idéas no jornal, cujas columnas bizarramente me franqueiam, a offerecer-lhe o producto de tantos annos de persistente observação e de acurada analyse do microcosmo-scenico, correspondendo assim á hospitalidade, hoje rara para com os que possuem o *saber d'experiencia feita*.

II

Relanceando a investigadora e ansiosa vista, com a mira de lhe notarmos erros e defeitos organicos, no theatro portuguez, no viver intimo do mundo

scenico, depara-se-nos uma lacuna, um vacuo: a carencia do *Codigo Theatral*, pelo qual suspiram, se nos é licito este romantico verbo, toda a heteroclitica população, toda a collectividade, constituída dos mais heterogeneos elementos, cujo liame de cohesão, cujas relações sociais *inter* bastidores se rege pelo — *Acaso!*

Os theatros vivem sem lei organica, semCodigo, sem estatuto fundamental, em que se definam e extremem os direitos e deveres de todos os factores da *Scena*, desde o empresario até o figurante!

O direito consuetudinário império, que não o escripto! . . .

Ha regulamentos de palco, consoante os ha, ou poderá haver, de bengaleiro ou de porteiro da caixa; mas o que não existe é umCodigo que marque obrigações legais e as correlativas regalías tambem legais!!

Surge uma questão, por vezes gravíssima, entre um empresario e um artista . . . pois, meus leitores, não vigora uma lei fundamental que a resolve em face dos principios de direito escripto! Em resultado — o theatro constitue um organismo social anarchico, cujos innumeros pleitos são dirimidos . . . pelo capricho, pelo uso . . . e pelo governador civil! . . .

III

Este momento-ponto, ao topico, foi por nós offerecido á meditação dos leitores do *Diario de Noticias*, quando religimos as *Semanas Theatraes*, durante toda a quadra de espectaculos de 1901-1902.

Enorámos, e o reiteramos agora, que o conselho dramatico do Conservatorio elaborasse o codigo theatral, tão urgentemente reclamado pelos mais vitaes interesses moraes e pennnarios de empresas e de artistas.

Que aquelle conselho não pretira a tarefa utilissima de dotar o theatro nacional com uma lei essencial, que grande numero de quem vivem da scena possam e devam invocar, quando os ameace uma injustiça, uma delapidação! Todas, todas as collectividades, se nortelam por normas legais, excepto a *Instituição* — theatro em . . . Portugal.

Os elevados intuitos do *Grande Elias* são o levantar, quanto possivel, o ni vel moral e intellectual do theatro, tratando, a serio, das questões concernentes ao aperfeccionamento do que não é mero passatempo de ociosos, ou deliteite estéril de riciaes.

ALFREDO OSCAR MAY.



## Primeiras representações

### Theatro de D. Maria II

A *Dolores*, drama em tres actos de Felio y Codina, variante em versos portuguezes do sr. dr. Coelho de Carvalho

Sivas a Catalunyaud, pregarça por ha Dolores, que se una clica muy gupasa y amiga de hacer favores

Foi um excellentespectáculo: optimo drama, desempenho quasi similhante. Raras vezes temos tido occasião de nos sentirmos tão deliciosamente impressionados por uma representação como na noite de sabbado.

O publico preston inteira justiça tanto ao merecimento da traducção como ao bom desempenho da peça. Os applausos e as chamadas que se escutavam no fim de cada acto bem claro mostravam o prazer que todos sentiam com aquella recita, que infelizmente, e com pena o dizemos, em nada se assimilhou a muitas outras a que temos assistido não só em outros theatros, mas até n'aquelle.

Não faremos aqui uma analyse critica do drama: seria isso uma improba tarefa que demandaria largo estudo, e para a qual, se pretendessemos fazela, o espaço talvez nos não sobrasse. Peças como aquella não querem umas criticas de curto folego, demandam muito trabalho e não devem fazer-se sem que as provas sigam immediatamente qualquer condemnação ou elogio. Restringir-nos-hemos pois a dizer em poucas linhas qual o entredo de *A Dolores* e as impressões que nos deixou o espectáculo d'aquella noite

A acção da peça passa-se em Catalunyaud (Aragão). N'uma estalagem serve de chamariz aos fraguezes uma rapariga nova e formosa, Dolores, que adoptou aquelle modo de vida por se ver abandonada pelo homem que a deshonrou. Esse homem está prestes a contrahir um casamento rico, mas Dolores serve-lhe de estorvo e elle, receiando as suas iras, persegue-a, atormenta a sem cessar, a ponto de publicamente querer compromettel-a.

Dolores recebe indifferentemente, entre sorrisos, as declarações dos seus muitos adoradores, entre os quaes se destaca um joven seminarista, sobrinho da dona da estalagem, e que por ella está louco de amor. Porém Dolores não o acredita tambem, mas vendo-se mais tarde humilhada e legitimamente offendida pelo seu antigo amante, lembra-se de que está só no mundo, sem ter quem a defenda, e recorre então aos que lhe fazem a corte, offerecendo o seu amor aquelle que a desaffronta. Todos se esquivam, com excepção do seminarista, que aceita o repto e que no ultimo acto, depois de escutar uma scena violenta entre Dolores e o amante, apparece de repente para desfiar este, e n'uma luta corpo a corpo enterra-lhe uma faca no coração. Dolores então, louca de dor, quer fazer crer que foi ella quem assassinou o amante, mas o seminarista não o consente e declara-se auctor do crime.

Embora estejamos em minoria, na nossa opinião o drama *A Dolores* é uma das melhores composições que n'estes ultimos annos tem subido á scena entre nós. Reconhece-se n'elle a pena de um escriptor dramatico, mas do escriptor dramatico como deve ser: não o homem que imagina quatro ou cinco lances mais ou menos falsos, mais ou menos arrojados, mas em todo o caso cheio de effeitos, mas o escriptor que estudou a sociedade por uma das suas faces e que no trabalho que apresenta ao publico leva tanto em mira o recreio d'elle, como ensinar-lhe a conhecer uma verdade que só se adquire á custa de um estudo bem longo e penoso, como é o estudo da existencia, que só se consegue á força de enganos e decepções. Não quer dizer que nós estejamos sempre de accordo com o seu auctor, mas quer dizer que no fim d'aquella peça ha muita coisa de verdadeiro mesmo para nós, apesar de se passar n'um meio tão differente do nosso.

A acção corre naturalmente, sem pressa nem lentidão, os lances estão habilmente preparados, o que dá em resultado um interesse sempre crescente da parte do espectador. E' esta uma das maiores belezas da peça, o que foi mantido na primorosa traducção, onde os versos se succedem em dialogo com uma natural facilidade que encanta, e em que no meio da maior naturalidade se sustentam pelo rendilhado da sua forma, sem afrouxar um instante.

Enquanto ao desempenho, podemos repetir as palavras que acima dizemos a respeito do especta-

culo de que nos occupamos. Raras vezes o nosso espirito experimenta no theatro sensação tão agradável como a que sentimos na noite da primeira representação de *A Dolores*.

Angela Pinto, a protagonista, manifestou em todos os actos a opulencia do seu talento e a proficiencia dos seus conhecimentos theatraes. A interpretação que deu ao seu papel affirmou de um modo positivo que as raras e felizes disposições com que a natureza a dotou para a scena lhe dão o direito de figurar honrosamente na galeria dos mais distinctos artistas.

E' tambem notavel o trabalho de Luiz Pinto, que mostrou ter estado muito a sua personagem e que disse admiravelmente bem o verso. E' um actor fino, que se apresenta muito bem, e que sem offuscar os meritos dos grandes actores, pode bem hombrar com elles.

Fernando Maia, n'um papel ingrato, muito bem, assim como Ferreira da Silva, Carolina Falco, Joaquim Costa, Carlos Santos, Cardoso Galvão e Firmino Sampaio.

O scenario de Manini é pintado a primor, e a marcação da peça feita com um rigor pouco vulgar. A todos, pois, aqui fica consignado o nosso applauso.

H. T.

### Theatro do Principe Real

O *Anjo da Meia Noite*, drama phantastico em cinco actos e seis quadros, traducção brasileira

Ha trinta e seis annos que esta peça foi representada nos theatros de D. Maria e Rua dos Condes, onde então brilhavam, como estrellas de primeira grandeza, Emilia das Neves e Emilia Adelaide. Deu successivas enchenças a esses theatros, mercê do gosto d'aquella época, mas hoje não nos parece que esteja no agrado do nosso publico. O theatro d'agora é perfettamenteamente incompativel com essas peças da escola antiga, algumas das quaes tinham realmente valor.

Não se dá esse caso com o *Anjo da Meia Noite*, porque não se percebe bem se é drama, se é magia, se o que é. Em todo o caso, o publico que frequenta o theatro do Principe Real applaude-o sem restricções.

O desempenho foi muito regular. Alves da Silva houve-se de modo notavel na scena da embriaguez, mostrando ter dotes valiosos que deve aproveitar, estudando muito. Adalina Nobre, o Anjo da Meia Noite, desempenhou muito bem o seu papel, mostrando que deseja progredir na arte a que se dedicou. Já esta artista nos tinha agradado no *Rei Maldito*, e agora continou satisfazendo nos.

Os outros artistas, em papeis mais secundarios, não desmancharam o conjunto. Temos sempre o maximo respeito por todos os que desejam elevar-se á custa do seu trabalho, e por isso não iremos fazer censuras, que podem ser mercedias, mas que podem tambem ir desanimar boas vontades.

A companhia do theatro do Principe Real tem artistas de valor, mas convem lhe ter um repertorio proprio. Não devem esses artistas abalancar se a grandes theatraes. Só as azas de aguia podem elevar-se ás luminosas culminancias da arte.

JOAQUIM DOS ANJOS.



Publicamos hoje um excerpto da *Dolores*, a primorosa variante em versos portuguezes do sr. dr. Coelho de Carvalho. E' um mimo litterario que, estamos certos, as nossas leitoras muito deverão apreciar.

Agradecemos ao brilhante escriptor a honrosa distincção que se dignou conceder ao nosso jornal.

#### SCENA 9.ª DO 1.º ACTO

DOLORES e MELCHIOR

DOLORES

E tu que queres?

MELCHIOR

Doas palavras contigo,

Trocar

DOLORES

Di-las, então.

MELCHIOR

Vou casar.

DOLORES

Não casas! Sou eu que o digo

MELCHIOR

Ouve e toma bem sentido: Eu já sei que fôste encher De vellas coisas o ouvido Da Jacintha pra as dizer Ao Onofre. Não te cabas! Deixa-me em paz n'estes lances, Que isto tambem te faz conta.

DOLORES

Conta faz-me que não vivas.

MELCHIOR

Eu sou livre.

DOLORES

Isso que monta? Se és livre, porque te esquivas, E assim me vens supplicar?

MELCHIOR

E' que trago loje, querida, Para a supplica apoiar, A ameaça aperebida.

DOLORES

E com uma e outra irás Pela estrada que trouxeste.

MELCHIOR

Quer dizer que resolves-te?

DOLORES

Que não vivas nunca em paz!

MELCHIOR

Quem quer ser a pregoeira A' custa da honra tua?

DOLORES

A minha honra!? Que asneira! Não sei já que isso possua. Tu sabes em que tornaste A minha honra. Foi tua. E em cantigas a arrastaste No pé e lama da rua! Não ha voz argozeira Que hoje a não cante perdida, Nem guitarra mal tangida, Que a não traga ás cordas presa, Feita em tiras. Não importa! Eu, aos toques de clarim, Diria a historia, e por fim, Quando me levassom morta Para a cova, leva-la-hia. Na cruz do caixão escripta, Se, por tal, se conseguia Negar-te a terra bendita Que mais queres tu?

MELCHIOR

Mais nada.

DOLORES

Então, rida.

MELCHIOR

Considera

Que me obrigas, tresloncada...

DOLORES

A guardares-te? Isso espera.

MELCHIOR ironico

Mas que medo!



DOLORES

O que te digo,  
E que veles, porquanto eu  
Não durmo e busco o castigo;  
Venha do inferno ou do céu,  
Tu crês que sou uma triste  
Pobre, sem oira nem beira;  
Mas tu ainda ha pouco viste  
Que pode haver quem me queira  
E pague cara um sorriso  
Dos meus labios. E ha de voltar  
Quem perca até o juizo,  
Quando em seus olhos eu ponha  
Estes meus. Ha de apparecer  
Um homem leal, que me ame,  
Sem fingir, e se proponha  
Os meus agravos tomar  
Para si; e o teu infame  
Proceder me jure vingando!  
D'alma e vida dot-me a está!

MELCHIOR

D'onde vem?

DOLORES

Da occasião.  
Mas ha pouco não disseste  
Que em duas palavras... não?

MELCHIOR

Já não disse.

DOLORES subindo a escada

Boa tarde.

MELCHIOR

Fica com Deus.

Desce o panno.

Melchior ste.

DOLORES do alto da escada

Deus te guarde!

FIM DO 1.º ACTO



MOVIMENTO THEATRAL

É hoje que no theatro D. Amelia sobem á scena os tres novos originaes approvados no concerso do nosso collega *O Dia*.

Eis a sua distribuição:

**Tragedia antiga**, do sr. Cesar Porto. — *Ricardo*, Christiano de Souza; *Christiano*, Chaby Pinheiro; *Alfonso*, Augusto Cortez; *Sophia*, Luclia Simões; *Marciana*, Estephania Pinheiro; *Virginia*, Laura Pedrosa.

**A encruzilhada**, do sr. dr. Mannel da Silva Gayo. — *O prior*, João Rosa; *João*, veterano, João Gil; *Dr. Thomas de Lucena*, A. Pinheiro; *José Cabral*, Carlos d'Oliveira; *Um soldado*, Francisco de Salles; *Maria Pacheco*, Maria Falcão.

**Auto pastoril**, do sr. Pedroso Rodrigues. — *Violante*, Rosa Darynsonco; *Diogo*, Eduardo Brazão; *Tonio*, Henrique Alves; *Cego*, Augusto Rosa; *1.º pastor*, Frederico Lagoes; *2.º pastor*, F. Salles.

Recitarão versos: Adalina Abranches, Delphina Cruz, Maria Pia e Henrique Alves.

\*A companhia das Rosas & Brazão, do theatro D. Amelia, vai dar alguns espectaculos em Santarem e Coimbra, durante a permanencia de Conqrellin em Lisboa.

Em Coimbra, as peças que vão representar são a **Magda, Fogueiras de S. João e Fédonra**, e em Santarem, o **Segredo de Polichinello e Madame Flirt**.

\*A peça **Um serao nas Laranjeiras**, original do sr. Julio Dantas, que em breve subirá á scena no theatro de D. Maria II, foi assim distribuída:

*O conde*, Ferreira da Silva; *D. José de Vagos*, Fernando Maia; *O marquês*, Joaquim Costa; *O visconde*, Carlos Santos; *Larobdo*, Pinto de Campos; *Zampineti*, Augusto de Mello; *D. Antonio*, Luiz Pinto; *D. Luiz*, Theodoro Santos; *Monsenhor Cayaci-*

*ni*, Cardoso Galvão; *O criado*, Francisco Sampaio; *A duquesa*, Beatriz Rente; *A marquesa*, Angela Pinto; *A viscondessa*, Augusta Cordeiro; *A marquesa*, Amelia Vianna; *Marta*, Cecilia Machado; *A baroazza*, Amelia Avellar; *Valdini*, Iaitarina, Luiz Velloso.

\*E de novo presado collega *A Epoca* a seguinte noticia, que pedimos venia para transcrever:

\*Vimos hontem a *maquette* da scena para o 5.º acto da **Resurreição**, de Tolstoi, que breve entra em ensaios no D. Amelia. É uma redução feita, em escala do scenario, tal como elle, salvo o cuidado da execução, nos deve apparecer depois.

O processo da *maquette*, com todas as suas peças — rompimentos, repregos, fundo — simplifica o traçado de perspectiva scenica, rigorosa, ás vezes difficil de obter, por quanto o ponto de vista nem sempre se encontra nas dimensões do theatro.

Na redução, o trabalho de Augusto Pina já offerece garantias de um magnifico effeito scenographico. Esta scena representa uma das *etapes* da Siberia, onde faz o seu alto, para descanso e alimentação, o comboio de condemnados que seguem para o degredo.

Tanto no romance como na peça este episodio é um dos mais curiosos e emocionantes da grande obra de Tolstoi.

\*No theatro do Principe Real já entrou em ensaios o drama: **O conde do Monte Christo**, sendo a sua distribuição a seguinte:

*Edmundo Dantès*, Alves da Silva, Marcel, Luciano; *Fernando Monde*, Pinto Costa; *Danglart*, Sepulveda; *Caderousse*, Machado; *Abade Faria*, Roque; *Alberto de Morcey*, Eduardo Vieira; *Maximiliano Morel*, Monteiro; *Bertuccio*, Chaves; *Joannès*, joaheiro, Jayme Silva; *Dantès*, pae de Edmundo, Chaves; *Nokietier*, Gentil; *Girgale*, Arthur; *Benedicto*, Gentil; *Manuel*, Arthur; *Director das prisiones*, Silva; *1.º carcereiro*, Monteiro; *Mercedes*, Adelaide Continho; *Gertrudes*, Georgina Vieira; *Pamphilo*, Augusta Guerreiro.

Esta peça, de grandes effeitos dramaticos, será posto em scena com grande brilho e luzimento. N'ella figuram marinheiros, contrabandistas, gendarmes, convidados, criados, etc.

Os quadros são os seguintes:

1.º *O dia fatal*; 2.º *O segredo do abade*; 3.º *O morto vivo*; 4.º *O thesouro da ilha*; 5.º *A estalagem dos contrabandistas*; 6.º *O theatro de Monte Christo*; 7.º *O espectro do passado*; 8.º *O premio da honra*.

A acção do prologo passa-se em 1814. O primeiro e segundo actos em 1829, e os tres ultimos, dez annos depois.



THEATRO EXTRANGEIRO

Em Paris, no theatro Antoine, representaram-se pela primeira vez, ha poucos dias, as peças seguintes: **La Materielle**, comedia em um acto de Gabriel Astruc; **La guerre au village**, em tres actos, de Gabriel Trarieux; e **Au Perroquet vert**, tambem comedia em um acto, traduzida do allemão por E. Lutz.

Qualquer destas peças parece que não agradao muito, sendo até tão tanto asperas as apreciações dos mais abalizados criticos, principalmente quando se referem a **Guerre au village**. O seu enredo é pouco mais ou menos o seguinte: Henriqueta, uma rapariga nova, professora, foi em tempo seduzida por um advogado, de quem teve um filho, e que logo após este acontecimento a abandonou.

Sem recursos, parte para longe, começando a exercer o professorado n'uma pequena aldeia do Charente, quando por seu infortunio para alli se dirige tambem o seu antigo amante, que vai contrahir casamento com a filha do *matre* e propôr-se deputado por aquella localidade. Ferida no seu amor proprio, a pobre professora tenta fazer saber ao *matre* o passado do seu futuro genro, mas elle, que vê no advogado um bom partido para a filha, entende não pôr obstaculos e começa a perseguir a rapariga, que podia saber da sua triste situação accendendo os offerecimentos do antigo amante, o qual, para evitar escandalos, lhe offerecia a sua protecção para ella e para o filho, em troca das cartas d'elle que a rapariga ainda tinha em seu po-

der. Ella porém não accetia tal proposta, e prefere a lucta, na qual é facilmente vencida, porque toda a aldeia se revoltou contra ella, em virtude do candidato a deputado ter dito n'uma reunião publica que amca tinham existido relações entre elle e Henriqueta.

Apparece porém um defensor que se apaixona por ella e que quer tornar publicas as cartas compromettedoras. Essas cartas são-lhe arrancadas das mãos, o candidato é eleito e a desgraçada professora tem de deixar os seus discipulos e a aldeia, de onde foge na companhia do filho e do seu não menos fiel protector.

A falta de espaço não nos permite dar noticia das outras duas comédias.



Club Simões Carneiro

Realisou-se no passado domingo n'este club, um sarau promovido pela sua intelligente direcção e em que tomou parte o grupo dramatico da referida agremiação.

Representou-se a comedia em um acto *O senhor está no Club*, despenhada correctamente pela sr.ª D. Emilia Ferreira e Julio de Souza, e fizeram-se ouvir em grande numero de monologos e canções, além d'estes amadores, a sr.ª D. Dorothea Continho e os srs. Armando Soares, Alfredo Silva e Augusto Martins, que foram applaudidos.

As horas da noite comberam no sr. Alfredo Silva, que dispõe de bellas recursos scenicos e que na *scena musica de amor* e na *encomenda O heroe do cambraimha* se portou como um verdadeiro artista. Diz bem, accentua ainda melhor as phrases e dispõe de um bello jogo physionomico.

Tambem nos não passou despercebida a forma correcta como o sr. Amílcar do Inso diz o verso.

Guardamos occasião de ouvir estes amadores em trabalhos de maior responsabilidade, para mais immensamente nos pronunciarmos a seu respeito.

Fundo o sarau, apresentaram-se na sala, fazendo equilibrios no arame, os srs. Theofonso Sarmento e José Pedro dos Santos, que resolveram dedicar-se a carreira artistica. Tencionam seguir d'aqui para Hespanha, vindo depois trabalhar no Porto e mais tarde a Lisboa. Foram muito applaudidos, sendo de esperar que com um bocadinho de perseverança venham a ser bons artistas.

Sociedade João Rodrigues Cordeiro

No passado domingo houve n'esta florescente sociedade uma bella recita promovida pela direcção; tomou parte n'ella o applaudido grupo *Trio Paulas*, que desempenhou a zazzella n'um acto *Paris e Sevilla*, a comedia *Carvão e bolta* e um acto de *Folies-Bergeres*. Seguiu-se á recita um deslumbrante baile, que se prolongou até depois das tres horas da madrugada. O pianista sr. Antonio Mello houve-se com a sua conhecida correcção.



Tem-me dado que scismar e ando cá a matutar n'uma certa anomalia que existe em *D. Maria!*

Ha muito que ouço dizer, e é bem antiga a piada, que onde ha gallos a valer, os pintos não valem nada.

Mas indo a *D. Maria* ouvir o drama *A Dolores*, rejeitei tal theoria os pintos tem valores!

Luiz Pinto e Angela Pinto, a quem devo comparal-os? Eu por mim, digo o que sinto, já não são pintos são gallos!

Tvv.



# Almanach d'O DIA

Preço 100 réis

PIERRE SALLES  
AVENTURAS PARISIENSES

## A FORMOSA COSTUREIRA

Elegante publicação nitidamente impressa e illustrada com gravuras dos melhores artistas francezes.

Brindes mensaes a todos os assignantes  
(sem excepção)

Uma bonita capa impressa a cores, para brochar cada volume da 114 paginas.

Condições da assignatura As *Aventuras Parisienses* serão publicadas em fasciculos semanais de 2 ou 4 folhas distribuidas á vontade do assignante e ao preço de 10 REIS cada folha de 2 paginas com 1 ou 2 gravuras.

Tambem se assigna a volumes mensaes de 114 paginas com 14 gravuras, brochados, tendo as capas dividas de senhos allusivos a cada episodio do romance, por 300 réis.

Assigna-se:

EM LISBOA

Antiga Casa Bertrand — JOSÉ BASTOS  
R. da Garrett, 73 e 75  
170 PORTO

Centro de Publicações — Praça de D. Pedro

Em todas as terras do reino, ilhas, provincias ultramarinas e Brazil, onde a Empresa tem correspondentes.

# Lanternas

Para illuminação de estabelecimentos. — 24000 réis por mez, incluindo gaz, manga, lanterna e consola.

Pedidos á

SOCIÉTÉ ANONYME D'ECLAIRAGE INTENSIF  
Rua de Crucifixo, 116 — LISBOA

**TABACARIA GODINHO**  
LOTERIAS, SELLOS, LETRAS E PAPEL SELLADO  
Artigos de capellaria — Sabão e sabonetes  
Vinhos finos do Porto, Caracavellos, Colheiras, Gattaxo e Thomar, Azeite finissimo, Aguardentes e licores, Teatinhos, Limas, Cotos de aço e mais objectos proprios para serradores.  
160, Rua da Boa Vista, 162  
LISBOA

# Nestlé

## Farinha Lactea

## MECO & IRMÃO

DEPOSITO de

### PAPEIS DE IMPRESSÃO

23, 21, 22, Largo da Abogaria, 23, 24, 25

LISBOA

## Emulsão d'oleo de bacalhau com phosphatos assimilaveis, de J. TAVARES

Remedio magnifico contra a Debilidade, Escrofula, Rachitismo, Lymphatismo e Tyusa insipiente. Remedio que as creanças tem com agrado.

Muito mais barata do que a de SCOTT. Pedir EMULSAO TAVARES.

Depositos: Ph. Nova, rua Nova da Piedade, 14 e 18; casa ph. de J. F. Alves d'Azevedo, rua do Principe; ph. Sabino, rua de S. Paulo — Lisboa.

## A'lerta, amadores!

DIRECTAMENTE DO LAVADOR

Continua a receber bons vinhos verdes e maduros, bons petiscos com azeite

Vendem-se na conhecida

Casa de JOSÉ GARCIA

49, Largo do Conde Barão, 49

## J. SANTOS ROCHA

Rua do Arsenal, 98

Grande sortimento de bilhetes postaes illustrados. — Sellos para colleccoes — Tabacos nacionaes e estrangeiros. — Illustrações estrangeiras. — Assignatura permanente de figurinos para homens e senhoras.

## FABRICA NACIONAL

DE

# Papeis Pintados

de Dias, Teixeira & C.<sup>ta</sup>

Papeis pintados para forrar casas, papeis mates, (couche) a lustro, etc., para Lithographia, Typographia, Photographia, Encadernação, Cartoneiros, etc.

Depositos para venda a retalho

José Narciso d'Aguiar & C.<sup>ta</sup> (F.<sup>ca</sup>)  
13, Avenida da Liberdade, 17

José Miguel dos Santos em C.<sup>ta</sup>  
102, R. Nova da Almada, 101

DEPOSITO GERAL E ESCRITORIO

25, RUA DE S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA, 27 — LISBOA

## ALVES & ALMEIDA

ARMAZEM

DE  
Drogas, tintas e productos chimicos

25, R. do Largo do Corpo Santo, 27

34, TRAVESSA DO CORPO SANTO, 36

LISBOA

## Sabonete BRAVURE!

PARA LIMPAR TODOS OS METAES

A' venda em todas as drograrias

DEPOSITO  
DROGARIA DE Joaquim Pedro Pinto  
RUA DA BOA VISTA, 136 e 138

**TABACARIA ESPERANÇA**  
ESTAMPILHAS, LETRAS E PAPEL SELLADO  
Deposito de tabacos nacionaes  
— de —  
**Azevedo & Azevedo**  
2, Rua da Esperança, 8 — 1, Rua de S. Bento, 5  
LISBOA

## Santos, Vieira & C.<sup>ta</sup>

### Romeu e Julieta

Todos conhecem estas dois nomes como sublimes modelos de amantes desditosos. A historia desses amores celebres acaba-se descripta no romance *Romeu e Julieta*, inspirado na tragedia de Shakspeare. Edição com gravuras. Cada fasciculo 50 réis, cada tomo 200 réis. Empresa Litteraria Fluminense, Rua dos Retiros, 125 — Lisboa.

## ANTONIO FURTADO DOS SANTOS

ESTABELECIMENTO DE

Ferragens, estanho, zinco e cobre

TORNOS E ENGENHOS DE FURAR

Folha de Flandres, chumbo em tubos, laminado e em barra, balanças dos systemas Roberval e decimal e pesos do novo systema.

144, Rua da Boa Vista, 146

LISBOA

Não se responsabiliza por requisições que não sejam devidamente assignadas e cobradas

**Fabrica Nacional de Conservas**  
MOVIDA A VAPOR  
**Ginjal — Almada**  
(Antiga Fabrica da Rua do Poço das Negras)

DE  
**A. LEÃO & C.<sup>ta</sup>**

SUCCESSORES DE LINO & C.<sup>ta</sup>  
Escriptorio — Rua do Poço das Negras, 103 e 103-A  
LISBOA